



Larissa Magalhães Costa

**AUDIODESCRIÇÃO EM FILMES:
HISTÓRIA, DISCUSSÃO CONCEITUAL E
PESQUISA DE RECEPÇÃO**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Maria Paula Frota

Co-Orientadora: Eliana Paes Cardoso Franco

VOLUME I

Rio de Janeiro
Setembro de 2014



Larissa Magalhães Costa

**AUDIODESCRIÇÃO EM FILMES:
HISTÓRIA, DISCUSSÃO CONCEITUAL E
PESQUISA DE RECEPÇÃO**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor pelo Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da
PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora
abaixo assinada.

Profa. Maria Paula Frota

Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Marcia do Amaral Peixoto Martins

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Vera Lúcia Santiago Araújo

UECE

Profa. Virgínia Kastrup

UFRJ

Prof. Daniel do Nascimento e Silva

UNIRIO

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 05 de setembro de 2014.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Larissa Magalhães Costa

Graduou-se em História na UERJ e é mestre em História Comparada pela UFRJ. Possui formação complementar em roteiro e locução de audiodescrição. É audiodescritora, desde 2008, atuando predominantemente na produção e revisão de roteiros. Tem experiência docente, especialmente na capacitação de profissionais para produção de roteiros de AD.

Ficha Catalográfica

Costa, Larissa Magalhães

Audiodescrição em filmes: história, discussão conceitual e pesquisa de recepção / Larissa Magalhães Costa ; orientadora: Maria Paula Frota ; co-orientadora: Eliana Paes Cardoso Franco. – 2014.

2 v. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Audiodescrição. 3. Inserção da AD na mídia. 4. Inserção da AD na academia. 5. Desconstrução. 6. Interpretação. 7. Descrição. 8. Subjetividade. 9. Objetividade. 10. Pesquisa de recepção. 11. Gestos (mímicas e estados emocionais). I. Frota, Maria Paula. II. Franco, Eliana Paes Cardoso. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD: 400

Agradecimentos

A Maria Paula Frota, minha orientadora, pela dedicação, disponibilidade, críticas, comentários, sugestões de mudanças, avaliação constante de minha condução no trabalho e atenção aos detalhes.

A Eliana Franco, minha co-orientadora, pelas valiosas contribuições, principalmente, sobre as especificidades da audiodescrição.

As minhas duas orientadoras, pela forma leve com que conduziram as orientações, tornando prazeroso esse processo longo e cansativo.

À CAPES e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos.

A minha mãe e a Leticia, Luciana e Lou, que participaram ativamente lendo, criticando, estimulando ou simplesmente escutando as ideias e angústias ao longo de todos os anos, desde a criação do projeto até a redação final da tese.

Ao meu irmão Augusto, atuante na área de acessibilidade, e Helena Dale, diretora da CPL-Soluções em Acessibilidade, maiores incentivadores de minha mudança de área, da História para Audiodescrição, e ingresso no doutorado.

À CPL-Soluções em Acessibilidade, em particular a Marcelo Couto, que apoiou cedendo espaço e fornecendo equipamento para a realização da pesquisa de recepção.

Ao João Fagerlande por ter gravado as audiodescrições das cenas usadas na pesquisa de recepção.

Ao Instituto Benjamin Constant (IBC) e à Associação de Deficientes Visuais do Estado do Rio de Janeiro (ADVERJ), que aceitaram e reiteraram a importância da pesquisa de recepção.

Ao Alessandro Câmara que participou do teste da pesquisa de recepção indicando mudanças necessárias em sua estrutura e em seus questionários e auxiliou no recrutamento dos entrevistados da ADVERJ, assim como avaliou a acessibilidade dos *sites* das emissoras de TV aberta que transmitem seus programas com audiodescrição.

A Zaira Mahmud que ajudou na preparação da pesquisa no IBC, facilitando a aproximação da pesquisadora com os alunos e participando do recrutamento dos entrevistados desse Instituto.

Às professoras Zaira Mahmud e Mônica Oliveira, assim como a Leticia Pumar, Gabriela Lins, Daniel Machline e Gabriela Baptista, que generosamente aceitaram entrevistar os participantes da pesquisa de recepção no IBC.

Novamente, à Leticia, ao Daniel e também a minha mãe, que entrevistaram os participantes da ADVERJ.

Aos alunos do IBC e membros da ADVERJ, por aceitarem participar da pesquisa de recepção, alguns dos representantes do público a quem essa tese se destina e sem os quais ela não seria possível.

Às professoras Virginia Kastrup e Marcia Martins, pelos relevantes comentários e sugestões que fizeram no exame de qualificação da tese.

Aos professores Vera Santiago, Virginia Kastrup, Marcia Martins, Daniel Nascimento Silva, Giovana Cordeiro Campos e Maria de Lourdes Sette que gentilmente aceitaram o convite para participar da banca de defesa.

A minha família e amigos, em especial ao meu pai e a Manu, pelo apoio e compreensão de minhas ausências, a Iná, que ajudou a pensar a pesquisa de recepção, e aos meus avós, sempre interessados em se informar sobre o desenvolvimento da tese.

Resumo

Costa, Larissa Magalhães; Frota, Maria Paula (Orientadora). **Audiodescrição em filmes: história, discussão conceitual e pesquisa de recepção**. Rio de Janeiro, 2014. 401p. Tese de doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente pesquisa aborda a audiodescrição (AD) e situa-se no campo da tradução audiovisual (TAV), mais especificamente na área de tradução intersemiótica. A AD é a transformação de imagem em texto verbal, isto é, de código visual em código auditivo, e é realizada em produtos culturais, tendo como propósito torná-los acessíveis às pessoas com deficiência visual, noção que inclui cegueira congênita, cegueira adquirida e baixa visão. Embora a AD possa ocorrer em diferentes produtos, aqui ela é trabalhada somente em filmes, a partir de duas dimensões — uma fundamentalmente teórica e outra, prática — que se relacionam e se interalimentam. Na primeira dimensão, desenvolve-se uma reflexão sobre “interpretar” e “descrever”, a partir da exigência de se “limitar a um mínimo a interpretação”. As normas em geral estabelecem a busca pela objetividade para impedir manipulações ou atitudes paternalistas, evitando-se, por conseguinte, escolhas subjetivas, normalmente relacionadas ao uso de qualificativos. Leigos e especialistas com frequência ainda concebem *descrever* e *interpretar* dicotomicamente, e priorizam a descrição, tida como objetiva, em detrimento da interpretação, considerada subjetiva, valorativa. Pretende-se desconstruir essa dicotomia por meio de uma lógica de gradação que assume a necessidade empírica dos termos “descrição” e “interpretação”, mas que critica sentidos absolutizantes, excludentes, que lhes são atribuídos. Na segunda dimensão, isto é, num campo mais propriamente empírico, analisam-se, em uma pesquisa de recepção, as audiodescrições de gestos — entendidos como mímicas e estados emocionais — das personagens, por serem elementos pouco ou nada estudados, muito propícios à reflexão sobre as recomendações de “não interpretar” ou de “limitar a um mínimo a interpretação”. A pesquisa visa testar se audiodescrições mais interpretativas podem ser necessárias, ou mesmo indispensáveis, para a fruição da obra cinematográfica, e também se, de acordo com o tipo de deficiência

visual, há diferentes preferências por ADs menos ou mais descritivas ou interpretativas. A pesquisa contou com dois grupos, um composto por alunos do Instituto Benjamin Constant (IBC) e outro composto por integrantes da Associação dos Deficientes Visuais do Estado do Rio de Janeiro (ADVERJ). Em conjunto, os alunos do IBC assistiram ao filme *O palhaço* e os integrantes da ADVERJ, ao filme *Menos que nada*; em seguida, em entrevistas individuais, responderam um questionário com perguntas referentes à compreensão do filme e aspectos específicos relativos a gestos. Além disso, assistiram novamente a quatro trechos do filme, um para cada tipo de gesto (substitutivos, divergentes, emotivos simples e complexos); cada trecho contou com duas versões de AD, uma mais descritiva e outra mais interpretativa, havendo neste caso maior uso de adjetivos e de advérbios, para que escolhessem a versão de sua preferência. Desse modo, procurou-se testar as conclusões teóricas em um contexto empírico de informações estritamente visuais e refletiu-se sobre características da AD que podem ser mais adequadas aos nossos públicos, principalmente a AD de gestos. Em sua parte inicial, a tese faz uma historiografia da AD como atividade e como objeto de estudo, de sua inserção nas esferas da mídia e da academia na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil.

Palavras-chave

Audiodescrição; Inserção da AD na mídia; Inserção da AD na academia; Desconstrução; Interpretação; Descrição; Subjetividade; Objetividade; Pesquisa de recepção; Gestos (mímicas e estados emocionais).

Abstract

Costa, Larissa Magalhães; Frota, Maria Paula (Advisor). **Audio description in films: history, conceptual discussion, and reception research**. Rio de Janeiro, 2014. 401p. PhD – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation is about audio description (AD), a subject included in the field of audiovisual translation (AVT), more specifically in the area of intersemiotic translation. AD is the transformation of image into verbal text, i.e., of visual code into auditory code, and is performed on cultural products in order to make them accessible to visually impaired people, a spectrum that includes congenital blindness, acquired blindness and low vision. Even though AD can occur in different products, this study will be limited to motion pictures, in two different dimensions — one fundamentally theoretical and the other practical — that are interrelated and influence each other. In the first dimension, a discussion about "interpreting" and "describing" is triggered by the requirement of "limiting interpretation to a minimum." Norms in general establish the search for objectivity in order to prevent manipulation or paternalistic attitudes, thus avoiding subjective choices, usually related to the use of qualifiers. Frequently, both lay people and specialists still conceive *describing* and *interpreting* as a dichotomy, and prioritize description, seen as objective, over interpretation, considered as subjective and valuational. The study aims at deconstructing this dichotomy by means of a many-valued logic that acknowledges the empirical need for the terms "description" and "interpretation", but criticizes the absolutizing and excluding senses attributed to them. In the second, more empirical dimension, audio descriptions of characters' gestures — understood as mimicry and emotional states — were subjected to reception analysis. Gestures were chosen because there has been little or no study at all about them and because they are quite convenient when it comes to reflecting upon the recommendations of "not interpreting" or of "limiting interpretation to a minimum." The research aimed at determining whether more interpretive audio descriptions may be necessary, or even indispensable, to the enjoyment of motion pictures, and also whether, according to the type of visual

impairment, there are different preferences for less or more descriptive or interpretive ADs. The study included two groups, one made up of students from the Benjamin Constant Institute (IBC) and another of members of the Associação dos Deficientes Visuais do Estado do Rio de Janeiro [Association of the Visually Impaired of Rio de Janeiro] (ADVERJ). The group of IBC students watched the film *O palhaço* (*The clown*), and the members of ADVERJ watched the film *Menos que nada* (*Less than nothing*); after that they were individually interviewed and answered a questionnaire with questions pertaining to the comprehension of the film itself and aspects specific to gestures. They also watched four passages of the movies again, one for each type of gesture (substitutive, divergent, simple and complex affect displays); each passage had two AD versions — one more descriptive and another more interpretive, with more adjectives and adverbs —, so that they could choose the version they preferred. The proposal, then, was to test theoretical conclusions in an empirical context of strictly visual information and to reflect upon AD characteristics that may be more adequate to Brazilian audiences in Rio de Janeiro, specially gesture AD. In its initial part, the dissertation presents a historiography of AD both as an activity and as an object of investigation. It also shows how AD came to be present in the different spheres of the media and the academy in Europe, the United States and Brazil.

Keywords

Audio description; AD insertion in the media; AD insertion in the academy; Deconstruction; Interpretation; Description; Subjectivity; Objectivity; Reception Research; Gestures (mimicry and emotional states.)

Sumário

1. Introdução	13
2. Uma historiografia da audiodescrição como atividade e como objeto de estudo: práticas e estudos em relação	25
2.1. Audiodescrição como atividade nos Estados Unidos, Europa e Brasil	25
2.1.1. Histórico da AD nos Estados Unidos e na Europa	25
2.1.2. Histórico da AD no Brasil	32
2.2. Audiodescrição como objeto de estudo e sua inserção nos Estudos da Tradução	46
3. AD: principais características	56
3.1. Definições de “audiodescrição”	56
3.2. Tipos de audiodescrição	61
3.3. Normas técnicas: Estados Unidos, Espanha, Alemanha e seus desdobramentos no Brasil.....	70
3.4. “O quê” e “como” audiodescrever: “inferência” e “explicitação”, “coerência global” e “coerência local”	84
3.5. Reconstrução da narrativa fílmica na audiodescrição.....	95
4 . Interpretar e descrever na audiodescrição, ou: o que poderia significar “limitar a um mínimo a interpretação”?.....	109
4.1. Uma discussão terminológico-conceitual: <i>Interpretar</i> (subjetividade) e <i>descrever-traduzir</i> (objetividade) na AD e nos Estudos da Tradução	110
4.1.1. Discussão terminológico-conceitual à luz dos Estudos da Tradução.....	115
4.1.2. Discussão terminológico-conceitual na AD	122
4.2. Desdobramentos na prática.....	139
4.3. Gestos	148
5. Pesquisa de recepção: AD de gestos	160
5.1. Metodologia da pesquisa.....	160
5.2.1 Teste da pesquisa de recepção.....	165
5.2.2 A pesquisa no IBC e na ADVERJ	168
5.2. Análise dos dados.....	192
5.2.1. IBC	193
5.2.2. ADVERJ.....	224
5.2.3. Interseções nas duas instituições: avaliação nos grupos por tipo de deficiência visual ou à guisa de conclusão	261
6. Considerações finais	278
7. Referências Bibliográficas	282
Anexos	292

Lista de quadros

Quadro 1 – Características: AD mais descritiva e AD mais interpretativa	151
Quadro 2 – Classificação dos gestos (AD)	158
Quadro 3 – Participantes IBC	163
Quadro 4 – Participantes ADVERJ	163
Quadro 5 – GRUPO 1: Cegueira Adquirida	164
Quadro 6 – GRUPO 2: Cegueira Congênita	164
Quadro 7 – GRUPO 3: Baixa Visão	164
Quadro 8 – AD de gestos substitutivos da fala: Pangaré no picadeiro	180
Quadro 9 – AD de gestos emotivos simples: Guilhermina vendo a foto na tenda de Benjamim	182
Quadro 10 – AD de gestos emotivos complexos: Lola é expulsa do carro por Valdemar	183
Quadro 11 – AD de gestos divergentes da fala: reação de Benjamim após o filho do prefeito recitar	185
Quadro 12 – AD de gestos substitutivos da fala: Dante no hospício	186
Quadro 13 – AD de gestos emotivos simples: Berenice, Dante e Ciro na construção	187
Quadro 14 – AD de gestos emotivos complexos: no museu	189
Quadro 15 – AD de gestos divergentes: nova entrevista com Berenice	191
Quadro 16 – Participantes IBC: periodicidade que assiste a filmes	194
Quadro 17 – Participantes IBC: preferência em relação aos gêneros dos filmes	194
Quadro 18 – Participantes IBC: locais onde assiste aos filmes	194
Quadro 19 – Participantes IBC: hábito de familiares/amigos audiodescreverem	195
Quadro 20 – Participantes IBC: hábito de ver filmes com AD feita por profissionais	195
Quadro 21 – Participantes IBC: diferença(s) entre as ADs feitas pelos familiares/amigos e as feitas por profissionais	196
Quadro 22 – Participantes IBC: gosta das ADs elaboradas por profissionais?	197
Quadro 23 – Participantes IBC: preferência por empresa(s) que produz(em) AD	197
Quadro 24 – Participantes IBC: síntese “o que acham da AD”	199
Quadro 25 – Participantes IBC: cenário geral do entendimento do filme	201
Quadro 26 – Participantes IBC: gostou do filme e de sua AD?	202
Quadro 27 – Participantes IBC: emoção no filme	205
Quadro 28 – Participantes IBC: opções gesto emotivo	205
Quadro 29 – Participantes IBC: como você acha que devem ser feitas as ADs das emoções?	207
Quadro 30 – Participantes IBC: alguma cena de mímica te chamou a atenção no filme?	210
Quadro 31 – Participantes IBC: opções gesto substitutivo	210
Quadro 32 – Participantes IBC: como você acha que devem ser feitas as ADs dos gestos?	211
Quadro 33 – Participantes IBC: cenas gestos substitutivos	215
Quadro 34 – Participantes IBC: cenas gestos emotivos simples	218
Quadro 35 – Participantes IBC: cenas gestos emotivos complexos	220
Quadro 36 – Participantes IBC: cenas gestos divergentes da fala	222
Quadro 37 – Participantes ADVERJ: periodicidade que assiste a filmes	224

Quadro 38 – Participantes ADVERJ: preferência em relação aos gêneros dos filmes	224
Quadro 39 – Participantes ADVERJ: locais onde assiste aos filmes	224
Quadro 40 – Participantes ADVERJ: hábito de familiares/amigos audiodescreverem	225
Quadro 41 – Participantes ADVERJ: hábito de ver filmes com AD feita por profissionais	226
Quadro 42 – Participantes ADVERJ: diferença(s) entre as ADs feitas pelos familiares/amigos e as feitas por profissionais	227
Quadro 43 – Participantes ADVERJ: gosta das ADs elaboradas por profissionais?	230
Quadro 44 – Participantes ADVERJ: preferência por empresa(s) que produz(em) AD	230
Quadro 45 – Participantes ADVERJ: síntese “o que acham da AD”	231
Quadro 46 – Participantes ADVERJ: cenário geral do entendimento do filme	234
Quadro 47 – Participantes ADVERJ: gostou do filme e de sua AD?	235
Quadro 48 – Participantes ADVERJ: emoção no filme	239
Quadro 49 – Participantes ADVERJ: opções gestos emotivos	239
Quadro 50 – Participantes ADVERJ: Como você acha que devem ser feitas as ADs das emoções?	240
Quadro 51 – Participantes ADVERJ: alguma cena de mímica te chamou a atenção no filme?	246
Quadro 52 – Participantes ADVERJ: opções gesto substitutivo	247
Quadro 53 – Participantes ADVERJ: Como você acha que devem ser feitas as ADs dos gestos?	248
Quadro 54 – Participantes ADVERJ: cenas gestos substitutivos	252
Quadro 55 – Participantes ADVERJ: cenas gestos emotivos simples	254
Quadro 56 – Participantes ADVERJ: cenas gestos emotivos complexos	257
Quadro 57 – Participantes ADVERJ: cenas gestos divergentes da fala	259
Quadro 58 – Participantes IBC e ADVERJ: gestos emotivos	265
Quadro 59 – Participantes IBC e ADVERJ: gestos emotivos filme e cenas	267
Quadro 60 – Participantes IBC e ADVERJ: gestos substitutivos	268
Quadro 61 – Participantes IBC e ADVERJ: gestos substitutivos filme e cenas	269
Quadro 62 – Participantes IBC e ADVERJ: gestos emotivos sob a perspectiva usuários novos e experientes	275